



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

Licenciatura em Antropologia

**O Mar como espaço de purificação: um estudo sobre o espaço social do mar
na vida de alguns frequentadores das praias de Miramar e Costa do Sol, na
cidade de Maputo**

Candidato: Mahluky Churane Nemba Massingue

Supervisor: Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Setembro de 2014

O Mar como espaço de purificação: um estudo sobre o espaço social do mar na vida de alguns frequentadores das praias de Miramar e Costa do Sol, na cidade de Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos na Modalidade de Projecto de Pesquisa, em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

Candidato

Mahluky Churane Nemba Massingue

O supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Setembro de 2014

Declaração

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau académico.

Mahluky Churane Nemba Massingue

Maputo, Setembro de 2014

Dedicatória

Dedico a presente obra aos meus pais, André Nemba e Joana Isaias Valoi, pelo mérito e valor do acto de nascer, cuidar, educar e proteger-me das intempéries da vida.

Agradecimentos

A minha enorme gratidão vai para os funcionários e todo o corpo docente do Departamento de Antropologia e Arqueologia, e alguns ligados ao curso de Sociologia, pela dedicação e acompanhamento académicos. Particularmente, agradeço ao Mestre Agostinho Manganhela pela incansável ajuda na disciplina de ITC e ao dr Emídio Gune, meu supervisor, pela força, ajuda e presença em cada passo que tornou possível este desafio.

Agradeço a todos os participantes do estudo. Agradeço em especial ao Pastor Titos e a malta da ‘turminha de Volei’ na Praia de costa do sol por me terem permitido participar das actividades que desenvolvem na praia, bem como por me terem aberto as portas das suas casas, serviços e igrejas para que pudesse estar lá a observar o seu quotidiano.

Agradeço aos colegas da turma de Antropologia de 2010 pela companhia, críticas e partilha ao longo de todo o curso. Dentre estes, agradeço em particular à Otilia, Sansão Macamo, Pilale, Karina, Alberto, Arminda, Marta, David, Tinta, Ana Sofia, Nivalda, Arsénia, Inácio, Laercio, Luís, Justino, Gabriel, Horácio e Malapende.

Agradeço ao Pastor Fernando Matsimbe e sua esposa Olívia, a senhora Resia Manusse, a Lidia Sancho, Celeste Macassa e Paulo Covele pelo apoio e empenho no meu bem-estar. Agradeço a minha família, ao mano Azarias Massingue e sua esposa Claudina Mandamule, bem como suas filhas Greece e Tyllu, aos manos Feliciano, Abrão, Venâncio, Felix, Sanny Susana, Beatriz, Gema Alegria, suas esposas e todos seus filhos, à Lúcia Firmino, minha namorada, pelo carinho, presença e toda assistência prestada na vida e durante o período de formação.

Por último, agradeço a Deus todo-poderoso, que pelo seu amor, coloca homens e mulheres bons, que direta ou indiretamente contribuem para a minha realização académica e humana. Em xitswa, *Nza mi bongu nguvu nwina nwentle*.

Resumo

No presente estudo analiso o espaço social do mar entre um grupo de frequentadores das praias de Costa do Sol e Miramar, na cidade de Maputo. Nos estudos existentes, o mar tem sido apresentado como um espaço de expressão de comportamentos ou de visibilização da estratificação social. Por um lado, esses estudos permitem compreender as diferentes manifestações comportamentais dos usuários da praia mas, por outro lado, reproduzem discursos dos participantes dos estudos sem a devida abstração teórica ou priorizam a dimensão material em detrimento da dimensão simbólica.

Com uma perspectiva diferente e com vista a contemplar a dimensão simbólica, realizei uma pesquisa etnográfica nas praias de Costa do Sol e Miramar, na Igreja, nas residências, locais de trabalho e de lazer dos praticantes dos exercícios físicos e participantes de celebrações religiosas.

Com base nos dados analisados, percebi que para aqueles, o dia-a-dia apresenta-se como um espaço de potencial contágio, que pode gerar infortúnios como desemprego, despedimento no serviço e insucesso no lar, na escola e nos negócios. Diante dessa situação, as pessoas vão a praia para purificar-se por meio da prática de exercícios físicos ou de celebrações religiosas e, uma vez purificados, a vida melhora e em decorrência disso, aqueles que tinham perdido emprego voltam a trabalhar, os que se encontravam doentes melhoram e aqueles que sentiam que os lares, escolas e negócios corriam mal, notam melhorias.

Neste estudo, diferentemente da abordagem que se restringe ao que é dito e feito de imediato pelas pessoas nas praias, mostro que entre os participantes do estudo existe uma lógica que faz do mar um espaço de purificação. Essa lógica é passível de compreensão por meio da análise dos processos sociais, concebidos como construções simbólicas, para além da dimensão material imediatamente presente na praia, à qual as abordagens dominantes se restringem.

Palavras-chave: Contágio, infortúnio e purificação.

Índice

Declaração.....	iii
Dedicatória.....	iv
Agradecimentos.....	v
Resumo.....	vi
1. Introdução.....	1
2. Revisão da literatura.....	3
3. Enquadramento teórico e conceptual.....	7
3.1. Teoria.....	7
3.2. Conceitos.....	8
4. Procedimento metodológico.....	11
4.1. Fases de realização do estudo.....	11
4.2. Seleção dos participantes.....	12
4.3. Recolha, tratamento e análise de Dados.....	13
5. Do contágio à pureza, por via da purificação na praia.....	14
5.1. Perfil dos participantes da pesquisa.....	14
5.2. O dia-a-dia enquanto espaço de potencial contágio.....	15
5.3. A praia como espaço de purificação.....	24
5.3.1. A purificação a partir da prática de exercícios físicos.....	24
5.3.2. A purificação por meio de celebrações religiosas.....	28
5.4. Exercícios físicos e celebrações religiosas para o retorno à pureza.....	35
6. Considerações finais.....	41
Referências.....	43

1. Introdução

O presente estudo analisa o espaço que o mar ocupa na vida dos indivíduos e grupos de indivíduos. Os estudos feitos sobre o uso que os indivíduos e grupos de indivíduos fazem do espaço marítimo podem ser agrupados em duas linhas de abordagens, uma que olha para o que as pessoas fazem na praia, e outra que trata a praia como um espaço de estratificação social por via da ostentação material.

A abordagem que descreve o que se faz na praia defende que as pessoas estão na lá para libertar-se do stress e do cansaço que trazem de casa, do serviço e dos outros espaços que constituem o seu dia-a-dia (Muiño, 2012; Oliveira 2008; Sousa, 2002). Esta abordagem centra-se no que a pessoa pretende na praia, descreve acções e comportamentos imediatamente manifestos no local mas, revela a ausência de uma abstração teórica e, deixa de fora o ambiente social que se estende para além da praia, capaz de dar acesso a outras explicações sobre o lugar social do mar.

A segunda abordagem, que descreve a praia como um espaço de estratificação social, defende que na praia, os indivíduos ou grupos de indivíduos usam dos seus meios materiais como dinheiro, carros, objectos de surf e roupas para reivindicar a sua diferença em relação aos outros (Balandier, 1997; Haraway, 1992; Marco Costa, 2012; Peralta 2003). Esta abordagem, se por um lado colmata a limitação da abordagem anterior, ao trazer objectos ostentados na praia como elementos que nos levam para além do mar, por outro lado, apega-se à dimensão material e deixa de fora a dimensão simbólica.

Em conjunto, as duas abordagens desvinculam a análise sobre o que se faz e o que se pensa na praia, das explicações socialmente construídas em torno dos acontecimentos vivenciados pelos indivíduos antes e depois de lá se fazerem presentes. Perante essa limitação, neste trabalho questiono qual é o espaço social do mar na vida das pessoas que o frequentam e, como este se relaciona com momentos anteriores e posteriores à sua presença na quele espaço?

Para responder a essa pergunta fiz um estudo etnográfico nas praias de Costa do sol e Miramar, nas casas, serviços, igreja e espaços de laser dos praticantes de exercícios físicos e integrantes de

um grupo religioso denominado Igreja Paz Zione Apostólica em Moçambique (IPAZIAMO), que frequentam as praias acima mencionadas. Da análise feita foi possível compreender que para estes indivíduos, o mar apresenta-se como um espaço de purificação, efectuada por via de exercícios físicos e através de rezas e outras práticas religiosas.

O presente estudo está estruturado em seis partes. Na primeira parte apresento a introdução, onde exponho em linhas gerais o assunto em debate. Na segunda parte faço a revisão da literatura, de modo a problematizar as abordagens que olham para o mar como um lugar de descanso ou de estratificação social. Na terceira parte do presente estudo, apresento a teoria de sequencialidade que orienta o estudo. Ainda nesta parte do trabalho apresento os conceitos chave usados ao longo do estudo.

Na quarta parte apresento o método e técnicas usadas na elaboração da pesquisa, assim como alguns constrangimentos enfrentados no processo de recolha, sistematização e análise de dados. Na quinta parte apresento e discuto os dados do estudo, em três secções. Na primeira secção apresento e discuto os dados que mostram que para os participantes do estudo, o dia-a-dia apresenta-se como um espaço de potencial contágio pelas impurezas que geram vários infortúnios na sua vida, como a perda do emprego e falta de sucesso escolar ou nos negócios.

Na segunda secção apresento e discuto os dados sobre a busca pela purificação no mar, como meio de desembaraçar as impurezas contaminadas no dia-a-dia dos participantes do estudo. E na terceira secção apresento e discuto os dados sobre o retorno à normalidade, livres das impurezas, em decorrência dos participantes do estudo terem passado pelo momento de purificação no mar. Na sexta e última parte do trabalho apresento as considerações finais do estudo.

2. Revisão da literatura

A análise sobre o lugar da praia na vida de seus utentes é desenvolvida sob duas linhas de abordagens das quais uma que olha para o que as pessoas fazem na praia (Muiño, 2012; Oliveira 2008; Sousa, 2002) e a outra que trata a praia como um espaço de estratificação social por via da ostentação material (Balandier, 1997; Haraway, 1992; Marco Costa, 2012; Olivã, 2012; Peralta, 2003).

A primeira abordagem, preocupada com o que as pessoas fazem na praia, defende que a praia serve para libertar-se do stress, descansar e exteriorizar atitudes relacionadas com as expectativas do indivíduo naquele espaço.

Um dos autores que integra esta abordagem é Muiño (2012) para quem nas praias, as pessoas brincam, divertem-se e deitam-se à margem e de baixo do sol para relaxar, como forma de desembaraçar o stress e repor as energias para alcançar o bem-estar. A explicação de Muiño permite compreender como as pessoas ocupam o tempo no mar, mas a explicação genérica que adopta limita a possibilidade de compreender especificamente o tipo de brincadeira ou de diversão praticado na praia, como Moltmann (1968) nota.

Como alternativa à essa visão Sousa (2002), a partir de um estudo da relação entre o ambiente e a cultura para os habitantes da praia de Iracema, mostra que para estes habitantes, a praia é um espaço para bronzear, jogar, mergulhar e namorar. Para Sousa (2002), essas manifestações comportamentais dos indivíduos na praia de Iracema, explicam melhor as variedades de brincadeiras e diversões implícitas na análise de Muiño (2012). Contudo, se por um lado o estudo de Souza (2002) permite compreender detalhes sobre as brincadeiras e diversões das pessoas na praia, por outro lado, deixa de fora o contexto social amplo no qual esses indivíduos operam, incluindo de onde esses indivíduos partem quando vem para a praia. Assim, na falta dessa componente as análises ficam restritas ao espaço da praia quando os indivíduos que as frequentam também outros espaços.

De um modo geral, a abordagem que explica o que as pessoas fazem na praia permite compreender as diferentes manifestações comportamentais dos indivíduos no mar, por outro

lado, ao valorizar mais o que as pessoas fazem de imediato, assume que ao olharmos para esses comportamentos é possível compreendê-los sem precisar de outra informação para a sua análise. Deste modo fica por compreender o que acontece nos espaços sociais de origem destes indivíduos, para além do mar, que pode permitir compreender melhor o espaço social do mar na vida de seus utentes.

Com uma visão diferente da primeira abordagem, temos a segunda abordagem que olha para a praia como um espaço de estratificação social. Esta abordagem parte da análise dos objectos materiais ostentados pelos indivíduos na praia, como meio para compreender as diferenças sociais que existem entre os indivíduos.

Um dos autores que subscreve esta abordagem é Peralta (2003). Para este autor, os carros, roupas, dinheiro e objectos desportivos que as pessoas levam ao mar, servem como meios de ostentação e de reivindicação da diferença em relação aqueles que não os tenham. De acordo com Peralta, aqueles que tem esses meios consideram-se superiores aos que não os tem o que permite compreender aquilo que as pessoas gostariam de ser mesmo fora do espaço da praia. A visão de Peralta (2003) permite compreender a diferenciação social a partir da praia mas, deixa de fora os bens adquiridos no próprio mar, que também podem permitir compreender a estratificação social na praia.

Com uma visão diferente da de Peralta (2003), Olivã (2012) defende que o dinheiro é o principal meio de ostentação e estratificação social nas praias. Para este autor, o dinheiro é que compra os carros, as roupas e os objectos desportivos levados pelas pessoas ao mar. No estudo sobre a praia do Porto, Olivã (2012) mostra que com o dinheiro, algumas pessoas deixam os outros bens em suas casas e, chegados ao mar compram serviços, comidas, brinquedos, alugam lanchas e objectos desportivos, assim como escolhem e pagam os espaços que lhes são ideais para reunir-se de forma a distanciar-se e diferenciar-se dos outros utentes do mar.

O estudo de Olivã (2012) permite compreender que mais do que as pessoas levam à praia, são as opções e a capacidade de custeá-las que faz do mar um espaço de ostentação e estratificação sociais. Contudo, Olivã (2012) tal como Peralta (2003), continua preso à questão económica e

material para explicar os processos de interação no mar e, perde de vista a dimensão simbólica presente nesse contexto bem como os outros espaços que dão sentido a presença dos indivíduos na praia.

Os estudos de Aline M. Eisenberg e Ralph R. Smith, citados por Balandier (1997) mostram que em espaços públicos, os indivíduos que se sentem dominantes acreditam estar mais capacitados para proteger o seu território e, além disso, sentem-se capazes de invadir livremente os espaços dos que ocupam posições que acham serem menos importantes que as suas. Se por um lado esta explicação considera questões de estratificação social como meio para compreender a vida além do mar, por outro lado deixa de fora a dimensão simbólica no processo presente nessas situações.

No estudo feito sobre praias italianas, Marco Costa (2012) considera que, na praia a ostentação do estatuto pode, de certo modo diluir-se pelo facto de brincadeiras, jogos, alimentação e conversas serem actividades que envolvem valores relevantes pelos significados que transmitem, para além da dimensão material. Esta posição é complementada pela crítica ao materialismo histórico feita por Sahlins (2003), para quem

A sociedade moderna pensa em si mesma como organizada em diferentes esferas, económica, política e direito, onde as atividades e relações correspondem a ordem distinta do mundo, sendo a esfera económica a que mais se impõe sobre as outras. Uma visão com um equívoco conceitual e etnocêntrico da humanidade, pois, a razão simbólica é que corresponde a qualidade específica humana, é a experiência cuja condição de existência é a significação que constroem e explicam os fenómenos sociais (Sahlins, 2003:220).

A partir do trecho de Sahlins, acima, e da posição de Marco Costa (2012) a dimensão simbólica é importante para compreender as relações entre os indivíduos.

De um modo geral a literatura sobre o espaço social da praia na vida dos indivíduos que as frequentam permite compreender os diversos usos que os mesmos fazem das praias ou alternativamente permitem perceber questões sobre estratificação. Entretanto, a referida

literatura tende por um lado a reproduzir os discursos dos participantes do estudo sem a devida abstração teórica e, por outro a priorizar a dimensão material presente no contexto da praia em detrimento da dimensão simbólica ao mesmo tempo que ignoram questões que ocorrem fora do contexto da praia mas, que são importantes para compreender o que acontece na praia.

Diante das limitações indicadas, desenvolvi um estudo etnográfico, que olhei para a dimensão simbólica do mar na vida das pessoas, a partir outras dimensões da vida além da praia, que podem ser significantes para compreender o lugar social da praia na vida dos indivíduos e, analiso os discursos dos participantes para além da sua expressão imediata.

3. Enquadramento teórico e conceptual

3.1. Teoria

No presente estudo usei teoria de sequencialidade sugerida por Van Gennep (1977) para analisar e interpretar dos dados. A teoria da sequencialidade defende que as práticas sociais são como um teatro, são compostas por mecanismos simples, quase óbvios, que se ligam entre si por sequências específicas (da Matta 2011).

Van Gennep (1977) defende que ao estudarmos os eventos sociais, é importante compreender os momentos anteriores e posteriores, para além do próprio momento de execução. Ao agirmos assim, será possível compreender melhor as ligações existentes entre o antes e o depois, pois, toda a prática social é constituída por passagens e deslocamentos, com fases que se resolvem entre si dialeticamente, num processo em que “cada fase cancela a fase anterior e ambas se resolvem por meio de uma síntese que dá lugar a terceira fase, quando o mundo retorna ao seu curso normal” (Ubá, 1977).

Van Gennep (1977) ao comparar os momentos de transição de um estado para o outro com compartimentos de uma casa, em que as paredes demarcam e separam os quartos, as salas e os corredores, visualizam melhor a separação entre o antes, o durante e o depois, enfatiza a dimensão material em detrimento da dimensão simbólica que ele mesmo defende na análise de eventos sociais.

Com um olhar diferente, Turner (1974) explica que os limites de transição de um estado para o outro simbólicos não tem necessariamente uma natureza visual, o que faz com que o significado seja o aspecto relevante que dá aos participantes a sensação de estarem numa situação diferente da anterior. A explicação de Turner permite compreender que a rotura que existe na passagem de um estado para o outro só faz sentido quando vivido no quadro de expectativas e valores atribuídos ao evento, o que me leva a tratar os momentos de transição por ‘limites’ propostos por Turner (1974), para captar a dimensão simbólica, no lugar de compartimentos, que captam apenas a dimensão material, na proposta de Van Gennep (1977).

3.2. Conceitos

Nesta secção apresento e discuto os conceitos de infortúnios, contágio e de purificação que uso ao longo do presente estudo.

Infortúnios

Segundo Hoasis (2007), infortúnios são acontecimentos ou factos infelizes que sucedem a alguém ou a um grupo de pessoas, frequentemente conotados por azar, perseguição ou má sorte. O conceito apresentado em Hoasis (2007) ajuda a perceber a característica do infortúnio mas, exclui as causas que geram os infortúnios.

Diante dessa limitação e alternativamente, Cockell (2008) considera infortúnios aqueles fenómenos acidentais, previsíveis ou imprevisíveis, graves ou mesmo fatais, ligados à ausência ou falta de sorte e, constatados em discursos que explicam o estado negativo de um indivíduo ou de um grupo social. No presente estudo, basear-me-ei no conceito de infortúnios sugerido por Cockell, por ser mais abrangente e apresentar as causas que geram os infortúnios.

Contágio

Segundo Peregrino (2008), contágio é um tipo de infecção que passa de um indivíduo para outro, por intermédio de substâncias vivas que se reproduzem. Este conceito olha para o contágio no contexto biológico e de saúde oral, mas deixa de fora a dimensão social, que abarca questões religiosas e culturais que também se enquadram na ideia do contágio.

Um segundo conceito é apresentado por Hoasis (2000), que define contágio como qualidade do contagioso, algo positivo ou negativo que se propaga de um indivíduo para o outro, de uma sociedade para outra ou de uma cultura para a outra. Esta forma de definir o contágio supera a primeira por introduzir a sociedade e substituir a noção de infecção pela noção de propagação que é mais generalista. Contudo torna-se incapaz de explicar situações nas quais o contágio é por entidades fisicamente invisíveis.

Como alternativa às fragilidades dos dois primeiros conceitos, Douglas (1991) define contágio como o fenómeno da contaminação ou poluição pelo sujo interno ou externo ao indivíduo ou

grupo social, com uma dimensão simbólica que transcende as fronteiras e as classificações visíveis e aceites no corpo e no mundo. Douglas (1991) explica que o contágio leva a uma sensação de impureza, que é percebida como uma desordem ou ofensa à ordem individual ou social, e que justifica a necessidade da busca pela purificação. Neste trabalho uso o conceito de contágio proposto por Douglas.

Purificação

De acordo com Hoasis (2000), purificar é o acto ou efeito de tornar algo puro, livre de impurezas, de pecados e de máculas morais, é expiação ou purgação. Este conceito permite compreender a relação entre o estado de impureza e a possibilidade de libertar-se do mesmo, contudo, parece restrito as questões morais e religiosas e perde de vista cenários de purificação fora desse quadro.

Com um conceito diferente, Brum (2000) define purificação como um processo de livrar-se ou desembaraçar-se de substâncias que alteram ou corrompem a estabilidade física ou moral de um indivíduo ou grupo de indivíduos. O conceito trazido por Brum (2000), diferentemente do de Hoasis (2000) permite compreender purificação para além do quadro religioso o que permite compreender outros tipos de purificação que ocorrem fora do quadro religioso. Contudo, ao utilizar o ‘substâncias’ parece olhar para a impureza mais na dimensão material do que simbólica.

Alternativamente aos dois primeiros conceitos Kristeva (1994) considera purificação um ritual de limpeza que consiste em se desembaraçar de uma sujidade ou de uma mancha visível ou socialmente construída, capaz de levar à impureza. Para esta autora, tudo o que quebra a harmonia ou o equilíbrio do indivíduo ou de um grupo social, enquadra-se na linguagem do contágio ou impureza diante dos quais os indivíduos buscam a limpeza do corpo e da alma, por via de feiticeiros, adivinhos ou sacerdotes e de práticas como preces, banhos ou jejum, sistemas de arrependimento e de contrição.

De acordo com Kristeva (1994), a purificação é quase sempre relacionada com o sagrado e tem duas características. A primeira característica mostra que a purificação serve como resgate ou

enquadramento de um indivíduo que se tenha desviado do comportamento socialmente consagrado, quebrando regras ou desrespeitando tabus e a segunda relaciona a purificação com a busca pela restauração da ordem nas coisas que as pessoas fazem, a busca pela sorte e pelo sucesso, da possibilidade da vida e da existência num mundo almejado e ao mesmo tempo temido pelo ser humano. Para o presente estudo, farei o uso da segunda característica, por incluir tanto a componente de resgate, como a procura de um estado que se almeja para o seu bem-estar.

4. Procedimento metodológico

O presente estudo é de carácter exploratório e qualitativo, em que participei, compreendi e interpretei teoricamente a informação colhida nas instituições de exercícios físicos e de celebrações religiosas, com o objectivo de captar os significados simbolicamente construídos em torno do espaço social do Mar.

Durante a participação escolhi as práticas de exercícios físicos e de celebrações religiosas, nas suas diferentes maneiras de procedimento, de modo a ver, ouvir, compreender e registar as informações que me possibilitaram construir o argumento do estudo. Depois da recolha de dados, organizava-os e fazia a releitura para identificar as tendências e interpretá-los em função da teoria e dos conceitos que escolhi para o estudo.

4.1. Fases de realização do estudo

O estudo foi feito em três fases das quais uma primeira na qual fiz observações preliminares no mar, uma segunda na qual fiz a revisão de literatura relacionada com o assunto que me propunha estudar e, uma terceira na qual fiz a pesquisa etnográfica e produzi o presente relatório.

Durante a primeira fase frequentei o espaço entre as praias de Miramar e de Costa do Sol, de forma a explorar informações preliminares que me permitiram, na segunda fase, efectuar a revisão bibliográfica nas bibliotecas do Seminário Unido de Ricatla, do DAA e Brazão Mazula na Universidade Eduardo Mondlane e, através da utilização da biblioteca virtual. Este exercício auxiliou a definir o objecto de estudo e as etapas a seguir durante o período de investigação.

Na fase da pesquisa etnográfica fiz a recolha de dados em duas etapas, primeiro no período de 20 de Junho a 20 de Julho e depois, entre os dias 20 de Setembro a 20 de Outubro de 2013. Na recolha da informação do campo, baseie-me na observação participante, observação directa, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais. Esse exercício permitiu-me seleccionar os dados que usei na produção do presente estudo.

4.2. Seleção dos participantes

Na escolha dos participantes do estudo trabalhei com dois grupos, um dos praticantes de exercícios físicos e outro de participantes das celebrações religiosas na IPAZIAMO. Quanto ao primeiro grupo, identifiquei alguns indivíduos na praia quando corriam, alongavam ou simplesmente sentados na margem. Foi assim que conheci o Artur, a Laura, Marília, Mauro e Nunes. Durante esses momentos, me aproximava, partilhava a actividade e introduzia a conversa sobre o meu propósito no mar, e eles se disponibilizavam a receber-me nas suas casas e locais de trabalho para observar, conversar e registar os dados que analiso no presente estudo.

Ainda sobre os praticantes dos exercícios físicos, cheguei até a turminha de voleibol através de Fausto. Fausto, também conhecido por pastor Paulo é um cidadão brasileiro, residente em Maputo a mais de 9 anos e que conheci em São Paulo, Brasil, em 2009. Encontrei-o na ONG onde trabalha, na cidade de Maputo.

Ao longo do tempo e durante a preparação deste estudo, conversei com Fausto e disponibilizou-se a receber-me na praia e apresentar-me a turminha de Voleibol. No primeiro dia em que participei do jogo de voleibol, Fausto apresentou-me os membros da turminha a saber, Fidélio, JK, Luís e Gerson e segundo Fausto, aqueles eram os jogadores permanentes mas, existiam outros que apareciam sempre que possível. Na turminha de volei trabalhei com Fausto e com o Luís por terem aceite participar do estudo e por serem conhecedores de histórias de vários outros frequentadores dos jogos.

Quanto a IPAZIAMO, cheguei a esta Igreja por meio de uma amiga médica com quem conversei sobre o meu tema de pesquisa. Ao referir que tencionava estudar na praia ela recomendou-me o pastor Titos, líder da Igreja, seu vizinho e amigo. Uma vez na Igreja, o pastor apresentou-me primeiro aos seus assistentes Isaura e Xiketelani, e de seguida apresentou-me a toda a comunidade.

Depois de assistir a alguns cultos e conversar com alguns participantes da IPAZIAMO, trabalhei com o Júlio e com a Gilda porque estavam em preparação para momentos de “libertação no mar” e aceitaram falar das suas vidas a vontade, dentro e fora da igreja. Trabalhei ainda com as

senhoras Amélia e Fátima por terem aceite receber-me em suas casas para conversar sobre a vida social.

No total, para o presente estudo trabalhei com 14 indivíduos dos quais metade são praticantes de exercícios físicos e os restantes participam das celebrações religiosas na IPAZIAMO. Dos praticantes de exercícios físicos, dois eram do sexo masculino pertencem à turminha de Voleibol e cinco o fazem individualmente. Destes três eram do sexo masculino e dois do sexo feminino. Quanto aos participantes de celebrações religiosas, destes três eram do sexo masculino e quatro do sexo feminino.

4.3. Recolha, tratamento e análise de Dados

Durante o exercício etnográfico frequentei as praias de Costa do Sol e Miramar, residências, locais de trabalho, a sede da IPAZIAMO, estradas e espaços de lazer dos participantes do estudo.

No exercício de recolha de dados, utilizei um caderno de campo para o registo da informação recolhida nas conversas, entrevistas e durante a observação feita ao longo do trabalho. Durante alguns cultos na praia e em ambientes que dificultavam a tomada de notas, recorri à gravação sonora feita por meio de telemóvel.

Depois de recolher os dados, voltava para casa e transcrevia o conteúdo gravado. Com base nas transcrições e notas das conversas e da observação, identifiquei tendências com base nas quais organizei a informação e analisei à luz da teoria e conceitos escolhidos para o estudo.

Como forma de preservar a identidade dos entrevistados na descrição dos dados de campo, usei nomes fictícios em respeito aos participantes que optaram pela omissão das informações que consideravam sensíveis para constar no seu perfil. A localização da sede da IPAZIAMO é feita de forma parcial, em respeito ao pedido dos líderes da Igreja. Aqueles solicitaram que eu omitisse a localização da sua sede para evitar que as pessoas continuem a procura-los por interesses extra religiosos, no lugar de partilhar a fé.

5. Do contágio à pureza, por via da purificação na praia

Nesta etapa apresento e analiso os dados etnográficos. Os dados permitem considerar que os participantes do estudo encaram o seu dia-a-dia como um espaço de potencial contágio pelas impurezas que podem gerar infortúnios de vária ordem, capazes de interferir directa e negativamente em suas vidas, causando situações de desemprego, doenças, insucesso escolar, dos negócios ou de relacionamentos amorosos. Uma vez contaminados, sentem a necessidade de purificar-se no mar e, feita a purificação, acreditam retornar ao dia-a-dia livres dos infortúnios, com a ordem e equilíbrio sociais repostos.

Apresento esta parte do trabalho em três secções. Na primeira parte apresento e discuto o dia-a-dia dos participantes do estudo enquanto espaço de potencial contágio. Esta secção é precedida por uma tabela com dados correspondentes ao seu perfil. Na segunda secção apresento e discuto a purificação no mar através da prática de exercícios físicos e de celebrações religiosas e, na terceira secção apresento e discuto os dados sobre o retorno à normalidade, com a vida livre das impurezas que geravam infortúnios.

5.1. Perfil dos participantes da pesquisa

Esta secção é apresentada em forma de tabela, com dados relativos ao nome, o local de residência, o sexo, a idade, estado civil, ocupação profissional e a pertença religiosa.

Tabela do perfil dos participantes

Nome do participante	Local de residência	Sexo	Idade	Estado civil	Ocupação	Igreja
Mauro	Maxaquene “b”	M	33 Anos	Casado	Assessor administrativo	Católico
Laura	Coop	F	37	Solteira	Trabalhadora No sector informal	Nenhuma
Artur	Polana Caniço “A”	M	27	Solteiro	Atleta	Nenhuma
Nunes	Hulene	M	29	Solteiro	Comerciante	Evangelho

						em Acção
Titos	Magoanine “C”	M	43	Casado	Pastor da IPAZIAMO	IPAZIAMO
Isaura	Matendene	F	58	Viúva	Nenhum	IPAZIAMO
Marília	Não revelou	F	20	Solteira	Estudante	Não quis revelar
Xikotelani	Zimpeto	M	37	Casado	Não revelou	IPAZIAMO
Amélia	CMC	F	45	Casada	Jurista	IPAZIAMO
Júlio	Matendene	M	29	Solteiro	Desempregado	IPAZIAMO
Gilda	Benfica	F	23	Viúva	Vendedora informal	IPAZIAMO
Fausto	Coop	M	45	Casado	ONG	Católica
Luís	Bairro dos Pescadores	M	27	Solteiro	Desempregado	Não quis revelar
Fátima	Não revelou	F	23	Solteira	Vendedora	IPAZIAMO

5.2. O dia-a-dia enquanto espaço de potencial contágio

Na presente secção abordo a maneira como os participantes do estudo vivem o seu dia-a-dia enquanto espaço onde pode decorrer o contágio pelas impurezas. Uma vez contaminadas, as pessoas passam por diferentes transtornos, em consequência dos quais, decorrem-lhes infortúnios enquanto problemas que desordenam o decurso normal do dia-a-dia.

Os dados analisados permitem perceber que no dia-a-dia os participantes do estudo têm diversas ocupações formais e informais. Quanto as actividades formais, incluem estudar e trabalho em escritórios, como mostra o exemplo,

Todo o meu dia acaba aqui, entro sempre as 7 horas e saio as 17 horas (Mauro, 33 anos, casado, assessor administrativo).

O local a que Mauro refere-se como aqui, é um escritório sito na baixa da cidade de Maputo, onde desempenha a actividade de assessor administrativo. A referida ocupação envolve elaboração de pareceres, que exige muita leitura e concentração durante cerca de 9 a 10 horas de trabalho por dia. Para reforçar o que dizia sobre a sua ocupação, Mauro mostrou-me um volume de papéis A4 por cima da sua secretária que esperavam pela sua apreciação.

Quanto às actividades informais, estas incluem a gestão do espaço doméstico e a prática de negócios, venda e revenda de produtos mais solicitados no dia-a-dia das pessoas, como no caso da Fátima,

Acordo as 4 horas para guevar¹ alface, tomate e frutas ainda frescos no Zimpeto, levo a Benfica onde fico no mercado a revender até ao fim do dia para ganhar os clientes que voltam da cidade, por isso que o meu dia acaba la (Fátima, 23 anos, vendedora no mercado de Benfica).

A Fátima é vendedora de verduras e fruta no mercado de Benfica, ocupação a partir d qual consegue obter dinheiro que garante a sua vida e da sua família.

A possibilidade de contágio é percebida como existente tanto no contexto de ocupação formal, como no contexto de ocupação informal, como mostra o exemplo,

O trabalho na consultoria rouba-me maior parte do dia porque é onde ganho o pão para a minha família, mas procuro sair para casa entre 15 e 16 horas, para cuidar dos meus filhinhos, mas quando o demónio chega, ataca em casa e no serviço ao mesmo tempo (Amélia, 45 anos, jurista e casada com um marido trabalhador na África do Sul).

O trabalho a que Amélia se refere, é de consultora jurídica, que considero formal, na cidade de Maputo. Por ser mãe e estar casada com um homem que vive e trabalha na África do Sul, Amélia divide o tempo de cada dia entre trabalho e cuidado dos filhos em casa, que considero informal.

¹ Tradução livre de xangana, que significa o acto de compra de produtos a grosso, para posteriormente revender a retalho no mesmo ou outro mercado.

O que a Amélia relata permite considerar que em ambos os trabalhos existe a possibilidade do contágio.

Como mostro, no decurso do dia-a-dia, os participantes do estudo expõem-se ao contágio que pode gerar impurezas. Essas impurezas são vistas por uns como algo natural e, outros olham para o contágio como sendo provocado por outras pessoas ou pela perseguição espiritual e possessão demoníaca.

Quanto aos que pensam o contágio como algo natural, acreditam que este está sempre presente e que qualquer indivíduo é susceptível de ser contaminado, como mostra o exemplo de Laura,

A vida tem sempre um lado bom e outro mau. Não precisa esperar para sentir dor, por viver num mundo cheio de pessoas diferentes e de coisas estranhas, estamos sempre contaminados (Laura, solteira, 37 anos, mãe de dois filhos e trabalhadora no sector informal).

Com um exemplo similar ao de Laura, está o Luís, para quem,

Ninguém é culpado pela sorte ou azar que nos afetam na vida, são coisas naturais que podem acontecer a qualquer um (Luís, 27 anos, solteiro e desempregado).

A sorte ou azar que o Luís mencionava, refere-se ao contexto no qual ficou desempregado. Segundo ele, nada tinha feito de errado. No dia anterior ao seu despedimento onde trabalhava, num armazém do mercado Xipamanine, segundo contou, tinha conversado normalmente com os seus chefes até a hora do fim do expediente, longe de pensar que era seu último dia de trabalho, algo que soube quando se apresentou no dia seguinte e, no lugar de lhe abrirem as portas, deram o documento de despedida no serviço. O facto de Luís ter perdido o emprego deveu-se, segundo ele, a causas naturais.

Em relação aos que olham para o contágio como algo provocado, alguns apontam para as pessoas que fazem parte do seu dia-a-dia como sendo capazes de jogar impurezas que inibem da sorte em todas as dimensões. Como mostra o exemplo apresentado pela Fátima,

Senti que algumas pessoas tinham-me jogado má sorte porque já vinham dizendo que eu gingava para elas (Fátima, 23 anos, vendedora no mercado de Benfica).

A má sorte dita por Fátima refere-se às dificuldades que teve quando ia começar o seu negócio de venda de frutas e verduras no mercado do Benfica, quando ela terminou a 10ª classe e não teve vaga para dar continuidade aos estudos do ensino secundário. Para a Fátima o facto de não ter conseguido vaga na escola e de ter dificuldades no início do negócio, deveu-se a impurezas provocadas por outras pessoas.

Quanto aos que acham que o contágio pelas impurezas é causado pela perseguição espiritual e possessão demoníaca, acreditam que o espírito do mal pode tomar conta da alma duma pessoa, a ponto de causa-lo varias perturbações, conforme mostra o exemplo de Artur,

O corpo físico é o depósito da alma e, a alma é a mente que Deus nos deu. Essa mente é vulnerável ao ataque dos espíritos imundos e demoníacos que andam por ali só para prejudicar as pessoas (Artur, 27 anos, solteiro e atleta profissional).

Artur é um atleta profissional, frequenta a praia para preparação física quase todos os dias e, acha que o seu estado físico, bom ou mau, expressa também o estado da sua alma que, segundo Artur, esta pode ser vítima de ataques espirituais ou demoníacos que podem causar impurezas e levar a infortúnios.

Outro exemplo que ajuda a perceber a ligação que os intervenientes da pesquisa fazem entre o seu estado e a perseguição dos espíritos do além, pode ser encontrado na conversa com a Gilda,

(...) O espírito do meu marido tinha-se apossado em mim, por ciúmes dos outros homens que não deviam tocar no meu corpo (Gilda, 23 anos, viúva, vendedora informal).

O espírito a que Gilda se refere, é do seu Marido morto vítima de assassinato. Depois desse acontecimento, segundo a Gilda, ela teve dificuldades de conversar com outras pessoas, rejeitava lugares partilhados por muitas pessoas e optava em ficar sozinha. Ainda segundo a Gilda, as pessoas que lhe são próximas consideravam que esses acontecimentos eram resultado de possessão pelo espírito ciumento do seu marido. O que mais uma vez permite perceber que as pessoas consideram que os infortúnios podem ser causados por espíritos.

À semelhança do exemplo da Gilda, Amélia também contou um exemplo que corrobora a ideia de espíritos poderem causar impurezas que deixam tudo mal na vida individual e familiar, como mostro no exemplo que se segue,

A mi moya ya davulosi ya hi sondela, hi leswo a minchumu a yi bom laha kaya, nhami ni nwananga wa xisati²!(...) (Amélia, 45 anos, jurista e casada com um marido trabalhador na África do Sul).

As palavras da Amélia referem-se à experiência da sua filha de 22 anos que segundo ela, não se acerta nos relacionamentos. Para Amélia, o facto de os namoros da sua filha terminarem em muito curto espaço de tempo, é fruto do demónio que deixa a sua família impura.

A análise dos dados permite perceber que os transtornos causados pelo estado de contágio podem se manifestar em forma de dores de cabeça, stress ou cansaço. Quando isso acontece, obstrói o decurso normal da sua vida, resultando em problemas como falta ou perda de emprego, doenças e falta de vaga escolar, relacionamentos e negócios mal sucedidos. Neste estudo designo esses problemas por infortúnios e, a seguir mostro um exemplo de infortúnio passado pela Fátima,

Quando fiquei sem vaga, depois de terminar a 10^a classe, decidi abrir negócio. Era um produto que obrigava o uso de voz para publicitar e eu não podia tirar a minha voz porque parecia que alguém me apertava o pescoço e sentia muitas dores (Fátima, 23 anos, vendedora no Benfica).

² Tradução livre de palavras ditas em xangana, que significam que os espíritos do diabo rondam por perto da família da Amélia, por isso as coisas não vão bem aqui em casa, mesmo com a minha filha.

Os infortúnios para Fátima manifestam-se por um lado, pela falta de vaga escolar para continuar com os estudos, por outro lado, por não conseguir usar a sua voz para publicitar os produtos que vendia. No exemplo a seguir, mostro infortúnios que se manifestam por meio de doença,

Sofro de uma doença que cria distúrbios mentais e prisão muscular que me impedem de andar sempre que me atacam (Nunes, 29 anos, solteiro, vendedor informal).

Por causa dos distúrbios mentais e prisão muscular, Artur sentia-se diante de infortúnios que resultavam do facto de estar contaminado pelas impurezas. Existem casos em que a má disposição física é que leva a que as pessoas reajam de tal forma que passem por infortúnios, como mostro no exemplo a seguir,

Eu estava cansado e com uma pontada terrível na cabeça, eles apareceram com suas brincadeiras e acabei proferindo alguns insultos enquanto minha chefe entrava, ela não compreendeu que se tratava de brincadeira, abriu o processo e agora vive dizendo que estou a um fio de perder emprego (Mauro, 33 anos, casado, assessor administrativo).

No dia em que visitei o escritório de Mauro, falou-me da natureza do seu trabalho, de lidar com muitos documentos que chegam a lhe causar dores de cabeça e, mostrou-me um documento que segundo ele, era um processo disciplinar movido contra ele por ter tratado mal os seus colegas e, colocava em risco o seu posto de trabalho. Segundo Mauro, os colegas foram ao seu gabinete para conversar, ele disse que não estava em condições para tal, quando um dos colegas disse-lhe que gingava, Mauro chamou-lhes de ‘feios e descontentes’, no mesmo momento a sua chefe entrava no seu escritório, ouviu tais palavras e considerou-as muito fortes para uma brincadeira no sector de trabalho.

Diante dessas situações de infortúnios, os participantes do estudo procuram formas de detectar as causas desses infortúnios. Na análise dos dados foi possível identificar quatro formas de

detecção de impurezas enquanto causas dos infortúnios, nomeadamente, o auto diagnóstico, os comentários das outras pessoas, a orientação médica e a orientação da IPAZIAMO.

A primeira forma de detetar as impurezas, que designei por auto diagnóstico, resulta de uma reflexão e conclusão pessoal em torno dos acontecimentos do dia-a-dia, do estado de saúde física ou emocional. Sobre esta forma, podemos ver os exemplos de Mauro e de Artur,

O cansaço, o stress ou dores de cabeça, tiram-me a criatividade e deixam-me fora do sério, acabo colocando em risco o meu trabalho, logo sinto que alguma coisa fora de normal está a acontecer (Mauro, 33 anos, casado, assessor administrativo).

Para Mauro, a partir dos infortúnios de cansaço, stress, e dores de cabeça, que lhe tiram a criatividade, chega a conclusão de estar impuro sem precisar de consultar a ninguém, o que leva a perceber que Mauro faz um auto diagnóstico do seu estado. Caso similar é de Artur no exemplo que se segue,

Por isso que quando sinto uma fadiga no corpo em alguns momentos percebo que não é algo normal, algum espírito mau está a tentar controlar-me a vida (Artur, 27 anos, solteiro e atleta profissional).

O exemplo de Artur permite considerar que ele diferencia os dias de preparação física para fins profissionais dos dias que faz exercícios por se sentir ameaçado ou atacado pelo espírito mau que tenta prejudicar-lhe a carreira. Artur refere que existe um tipo de fadiga que considera normal e outro tipo de fadiga que considera ser devido ao mau espírito, porque lhe impossibilita de controlar o rumo da sua própria vida.

A segunda forma de detectar as impurezas é através dos comentários das pessoas que fazem parte do dia-a-dia, como mostra o exemplo da Gilda,

As pessoas é que diziam que o espírito do meu marido tinha-se empossado em mim, (...), isso assustou-me e senti que tinha que fazer qualquer coisa (Gilda 23 anos, viúva, vendedora informal).

A terceira forma de detetar o estado de impureza tem sido através de exames médicos, como podemos ver a partir do exemplo de Nunes,

Os médicos disseram que eram sinais de meningite. Dói muito quando começa, é uma doença chata, embora os médicos digam que é passageiro, eu tenho medo! (Nunes, 29 anos, solteiro e comerciante).

Como podemos ver no exemplo de Nunes, aquele foi informado sobre a que lhe apoquentava através dos resultados dos exames médicos por ele realizados, onde soube que as dores de cabeça que tinha eram sintomas da meningite.

A quarta forma de detetar as impurezas encontrei-a na Igreja IPAZIAMO e chama-se *ku femba*. A prática é um mecanismo de diagnóstico observado nesta igreja quando alguém se apresenta com problemas. O paciente é levado a uma sala isolada, na companhia do Pastor e de dois ou três anciãos com categoria de profeta.

Uma vez na sala, o paciente ajoelha-se no meio, o pastor e todos participantes entoam hinos e oram em vozes vivas até o profeta entrar em transe. Nesse momento, o *muprofeti*³ começa a falar línguas consideradas espirituais e, auxiliado por um amuleto chamado *xifungu xa ti xaka xaka*⁴, explica o que e porque está a acontecer com a pessoa, assim como os procedimentos que devem ser seguidos para resolver o problema. Como podemos observar nas explicações da Isaura que se seguem,

³ *Muprofeti* é uma corruptela da língua portuguesa, pronunciada em xangana para designar o profeta.

⁴ *Xifungu xa ti xaka xaka* é uma palavra xangana, que significa um amuleto, feito de uma corda grossa, tecida por linhas de várias cores. Este amuleto é enrolado na cintura do *muprofeti* e no pescoço do paciente no momento do *ku femba*, como auxílio para o estabelecimento do diálogo com o mundo espiritual.

O *ku femba* é para identificar o espírito ou espíritos que afligem o paciente e, decidir se expulsá-lo imediatamente do corpo da vítima é suficiente, ou se é necessário deixá-lo falar (...), a pessoa primeiro sofre e hesita muitas vezes em nos procurar, se for nosso crente tenta se esconder com seus problemas. Mas quando resolvem pedir-nos ajuda. Quando isso acontece, *swi lava ku sungula hi ku femba*⁵, a profecia é que diz o que está a acontecer e dá orientações de onde e como se deve proceder o tratamento (Isaura, 53 anos, viúva e primeira assistente do pastor Titos).

Enquanto a Isaura contava, o procedimento do *ku femba*, explicou que na IPAZIAMO, uma vez identificados os espíritos mais conhecidos por *madimoni*, são expulsos compulsivamente do corpo do paciente, contrariamente a outras denominações que primeiro dialogam com os espíritos, com vista a saber quais são as suas exigências.

Como mostro ao longo desta secção, o estado de impureza é percebido a razão que leva a que os indivíduos passem por infortúnios de vária ordem, que interferem directa e negativamente na sua vida do dia-a-dia. Os participantes do estudo associam os problemas como desemprego, doença e perda de emprego ao facto de estarem impuros, pois, nenhuma coisa que acontece tem causas inexplicáveis e, qualquer explicação dessa causa desemboca na noção de impureza, contaminada naturalmente, por outras pessoas ou por causas sobrenaturais.

Existe uma semelhança entre a ideia do contágio aqui demonstrada, com a sublinhada por Douglas (1991), sobre o perigo que o meio ambiente, físico ou espiritual, pode constituir a partir da acção humana, do sangue humano ou de substâncias nocivas invisíveis, capazes de contaminar qualquer um desprevenido e torna-lo impuro.

Contudo, na abordagem de Douglas (1991) as noções de pureza e impureza são mútua e simultaneamente funcionais e perigosas, dependendo do contexto em que se manifestam. Enquanto neste estudo, o estado de impureza é essencialmente a fonte da desordem, e a

⁵ Traduzido: é preciso diagnosticar ou profetizar para conhecer a real situação que incomoda a pessoa.

purificação será a reposição da ordem, pelo que o estado de pureza é resultado de se ter feito purificar.

Os dados analisados mostram que o contágio pode ser por acção humana assim como natural, desta forma, diferentemente da abordagem de Douglas (1991) que considera a vítima apenas a pessoa desprevenida, neste estudo mostro que é quase impossível se prevenir do contágio pelas impurezas, mas existe a possibilidade de livrar-se por via da purificação na praia.

Diante dos infortúnios e, uma vez detectada a impureza, os indivíduos buscam formas de se libertar, que no presente estudo designo por purificação, enquanto mecanismo de reposição da normalidade na sua vida quotidiana a partir dos exercícios físicos e de celebrações religiosas, num processo que apresento e discuto na secção seguinte do presente trabalho.

5.3. A praia como espaço de purificação

Nesta secção apresento as formas que os participantes do estudo encontram, no mar, de se libertar dos infortúnios, através da purificação. O processo de purificação é feito nas praias de Costa do Sol e de Miramar a partir de duas formas. Uma é através da prática de exercícios físicos e, a outra é feita através de celebrações religiosas. De seguida apresento uma por uma, a começar pela prática de exercícios físicos.

5.3.1. A purificação a partir da prática de exercícios físicos

Aqui mostro como os participantes do estudo fazem do exercício físico uma forma de libertar-se e, como essa libertação se enquadra na ideia de purificação defendida neste estudo.

A purificação através da prática de exercícios físicos, nas praias de Costa do Sol e Miramar é feita em quatro formas, a caminhada, a meditação, a corrida e pelo jogo de voleibol. Estas formas são feitas de forma combinada, alternada ou isolada.

As pessoas que combinam a caminhada com a meditação, conciliam a ginástica corporal com o exercício mental para a sua purificação, como mostra o exemplo a seguir.

Caminhar e meditar me faz bem, os médicos aconselharam-me a dar uma caminhada nas tardes e, como disse-lhes que rezava, disseram também que cantar e escutar músicas de Deus seria bom para mim (Nunes, 29 anos, solteiro e comerciante).

Nunes explicou-me o significado de caminhar e meditar no contexto em que falava da doença de perturbações mentais e prisão muscular, mostrada no exemplo sobre os infortúnios, na secção anterior. Nunes explicou porquê a ida à praia em detrimento de outros espaços, ele respondeu,

Prefiro fazê-lo na praia, primeiro porque da minha zona para cá o acesso é fácil, segundo porque os campos de futebol, as pistas de atletismo, os pavilhões de Basquet e ginásios são tudo criações humanas e poluídas espiritualmente, já o mar é diferente, conheces alguém que criou o mar? Aqui todo o lixo é purificado (Nunes, 29 anos, solteiro e comerciante).

O exemplo de Nunes permite compreender que mais do que o exercício, é o espaço da praia que o purifica, pois segundo ele, em qualquer lugar podemos fazer exercícios, mas o mar proporciona a limpeza de todo o lixo que o perturba, limpeza essa, que no presente estudo chamo por purificação.

Um outro exemplo no qual as pessoas combinam a caminhada com a meditação é o da Marília, como mostro a seguir,

Primeiro faço uma caminhada, mas agora estava a esticar o corpo e elevar a alma ao altíssimo poder da natureza, creio que o mar levou consigo a inveja das pessoas que me impede do sucesso. (Marília, 20 anos, solteira, estudante).

A falta de sucesso a que Marília se referia, era causada pela inveja dos outros que lhe dificultava de achar o emprego. Segundo Marília, apesar de tantos currículos distribuídos na busca por um emprego, nenhuma empresa lhe chamava para entrevista. Para Marília isso acontecia por causa

da inveja das pessoas, pelo que ao fazer exercícios e meditar, a praia levaria toda a inveja e a deixaria pura.

Quanto aos que se exercitam pela corrida, diferenciam os dias em que vão à praia para cumprir o hábito de manutenção física ou de lazer, dos dias em que se sentem contaminados pelas impurezas que geram infortúnios, despertando neles a necessidade de se libertar. Como mostra o exemplo de Mauro que se segue,

Preparo-me para a corrida do dia seguinte, que será diferente da dos outros dias, durante a noite abstenho-me do sexo com a minha esposa e, no dia seguinte levanto as 4 horas, para não me atrasar ao serviço, pego no carro e vou à praia. No fim dos exercícios me dou 10 minutos de meditação, ‘somente eu e o mar’, depois levo um pouco de areia, junto com a água do mar, meto no frasco e levo comigo ao serviço que tudo passa (Mauro, 33 anos, residente em Maxaquene, casado e trabalhador).

No caso de Mauro, a purificação é preparada em casa, onde observa abstinência do sexo na noite anterior a ida a praia. Chegado à praia, arruma os seus bens do serviço na margem, veste-se de fato de treino e começa a correr e fazer vários exercícios, depois dos exercícios, leva 10 minutos de a só, no que chama de meditação e, terminado esse período leva a areia e a água do mar para o serviço. Segundo Mauro, a areia e a água fazem com que todos os problemas que tinha desapareçam. É nesse desaparecimento onde podemos perceber a noção de purificação.

Caso semelhante é o da Laura, que diferencia os dias que vai pelo lazer daqueles nos quais busca espantar as impurezas que a criam infortúnios, conforme podemos ver no exemplo a seguir,

Quando venho para me libertar, depois dos exercícios, procuro o canto mais calmo, mais para o interior, onde falo, desabafo, lamento, choro e peço tudo que quero. Feito isso, levo água e areia do mar no meu baldinho de 5 litros para casa, onde chego e misturo com um pouco de cinza para lavar os meus filhos e deixar reserva para ao longo da semana (Laura, 37 anos, solteira e mãe de dois filhos).

O exemplo da Laura permite perceber que para ela a purificação é uma rotina semanal e deve ser contínua porque o contágio é parte da existência humana. Por isso, contrariamente ao Mauro que leva a água e areia do mar ao serviço, Laura leva para casa, porque para além de se purificar ela própria no local, acha ser fundamental purificar também os seus filhos.

Quanto a terceira forma de purificar-se, identifiquei num grupo que joga voleibol na margem de Miramar, em frente ao complexo residencial *Kaya Kwanga*.

No sábado do dia 13 de Outubro de 2013 fui a praia para continuar com a observação e, a turminha de volei convidou-me para completar o grupo, uma vez que eram três membros e precisavam de mais um para formarem a quadra que permitiria o início do jogo.

Fausto conjuga a prática do volei da praia com a restauração do equilíbrio emocional que se perde ao longo da semana com a correria da vida. Ao longo do jogo saltava, falava alto, ria-se e dizia coisas que faziam todos rirem-se também. Um exemplo foi quando acertei na bola e ele disse,

Hei ta, jogou bonito, liberte-se cara, tas carregado, que é que é? A esposa te deixou na penumbra durante a semana e queres desabafar na bolinha? Joga tranquilo, desligue-se do mundo que a vida vai melhorar (Fausto, 45 anos, casado e líder da turminha de volei).

As ideias de libertar-se do peso carregado, jogar tranquilo e desligar-se do mundo para melhorar a vida, ditas por Fausto, permitem considerar que para aquele e a sua turminha, o jogo de Volei na praia é um meio de purificação. Durante o jogo, Fausto contou a história de Luís como exemplo de alguém que estava a superar os problemas da vida, graças à sua frequência às sessões de Volei na praia, como podemos ver no exemplo que se segue,

O jovem Luís está desempregado a dois meses, mas a bolinha de volei, a margem e a água do mar, estão devolvendo-lhe o bom humor e equilíbrio sentimental, é tudo que precisa para voltar a ter com que se ocupar e ganhar o pão (Fausto, 45 anos, brasileiro, casado e líder da turminha de volei).

A partir da história de Luís, podemos perceber a conjugação entre o jogo de volei e a purificação que no espaço marítimo, pois, quando joga espanta o mau humor e recupera o equilíbrio que abre as portas para Luís achar outro emprego.

Para a turminha de volei, a partilha do momento em grupo, a maneira de jogar, as conversas, risos e todas outras formas de diversão, são os principais meios de purificação, porque espantam o azar e a dor emocional da falta do emprego, que são percebidos como infortúnios da vida.

Para todos estes casos, o mar funciona como espaço de purificação, pois, independentemente de caminhar, correr, jogar ou meditar na praia, os intervenientes do estudo têm um ponto comum, que é a busca pela libertação das impurezas que lhes causam infortúnios.

5.3.2. A purificação por meio de celebrações religiosas

Com uma ordem e interpretações diferentes, os membros da IPAZIAMO falam da importância do mar na acção purificadora das suas vidas. Nesta subsecção descrevo a maneira como a IPAZIAMO efectua a purificação dos indivíduos através três formas de celebrações, nomeadamente, a *xihundleni*⁶, *ku pfula a xifuva*⁷ e o baptismo. Enquanto o *xihundleni* pode ser combinado ou alternado com o *ku pfula a xifuva*, o baptismo é executado de forma isolada.

A xihundleni

De acordo com Titos, o *xihundleni* é essencialmente individual, como mostro no exemplo seguinte,

A palavra traduz-se por espaço privado, um lugar naturalmente aberto mas que proporciona uma privacidade espiritual individual, onde a pessoa pode falar em

⁶ *Xihundleni* é uma palavra xangana que significa um lugar privado, mais aberto e que oferece condições para as pessoas desabafar. Nos locais onde não existe o mar, esta prática é feita em grandes matas ou rios.

⁷ *Ku pfula a xifuva* é uma expressão xangana, literalmente traduzida por abrir o peito. É um culto feito dentro das águas do mar, com o objectivo de limpar o peito da pessoa e torna-la capaz de lutar pelo seu próprio bem estar.

voz audível, mas seguro de que apenas Deus ou as forças do além o escutam (43 anos, casado e pastor da IPAZIAMO).

A explicação do pastor Titos foi aprofundada pelo seu segundo assistente Xikotelani, como mostra o exemplo a seguir,

Esse é o segundo passo depois da profecia detetar o verdadeiro problema do irmão e orientar o tipo de tratamento aconselhável. Contudo, tanto os que devem passar pelo *ku pfula a xifuva*, como os que se preparam para o batismo é importante começar por ir a *xihundleni*, pois lá a pessoa se reencontra e fala com e somente com Deus (Xikotelani, 37 anos, segundo assistente do pastor Titos).

Enquanto Xikotelani falava, recordei-me que ao longo da explanação sobre o estado de impureza em que a sua família se achava, Amélia teria dito “*tem que nziya xihundleni nziya hlambuluka*⁸”, naquele momento a Amélia teria explicado a prática nos seguintes termos,

Nós temos um amigo chamado Jesus, nada melhor que procura-lo em privado para agradecer as coisas boas e desabafar quando nos sentimos carregados. Quando alguém decide ou é orientado pelos pastores e profetas para ir a *xihundleni*, deve ser secreto e acima de tudo cauteloso na interação com qualquer pessoa que o encontre lá. *A xihundla i finhlakalu nwananga, kambi xa pfuna*⁹ (Amélia, 45 anos, jurista e casada com um marido trabalhador na África do Sul).

O exemplo da Amélia permite compreender que o facto de isolar-se no mar para falar com Deus, alivia o que fica preso no seu peito e prejudica-lhe a vida. A partir destes exemplos é possível perceber que desabafar e, tirar para fora os problemas que estão no peito, deixa as pessoas livres das impurezas, porque acreditam que o mar leva com sigo todos aqueles problemas, elas saem de lá com o sentimento de alívio, que no presente trabalho chamo por pu

⁸ *Tem que nziya xihundleni nziya hlambuluka* é uma expressão da língua xangana, se significa devo ir a xihundleni para desabafar.

⁹ *A xihundla i finhlakalu nwananga, kambi xa pfuna*, expressão xangana, que traduzida significa o desabafo é secreto meu filho, mas ajuda.

A ku pfula a xifuva

Segundo Isaura,

Este é um culto recomendado para pessoas que se apresentam com algum trauma tratado como perseguição espiritual ou possessão demoníaca que lhes impede de se abrir e falar para espantar as impurezas e superar os infortúnios (Isaura, 53 anos, viúva e primeira assistente do pastor Titos).

O pastor Titos explica o *ku pfula a xifuva* como mostro no exemplo a seguir,

A pessoa que nos procura pode ser ou não ser membro da Igreja da Paz Zione Apostólica de Moçambique, basta ter dificuldades de falar para explicar o que se passa, deve ser levado ao mar e mergulhado muitas vezes seguidas na água. Aquele momento em que entra muitas vezes sem folgas para respirar dentro da água, o sal e o ar, pelo poder do Espírito Santo lhe abrem o peito, (Pastor Titos, 43 anos, casado e líder da IPAZIAMO).

Fátima participou de uma sessão de *ku pfula a xifuva* em 2012, alguns dias depois de apresentar-se à Igreja, ela contou a sua experiência nos seguintes termos,

De longe, vendo eles a fazer isso achava muito estranho, quando me apresentei na IPAZIAMO e disseram que devia ir ao mar para abrir o peito, senti-me aterrorizada porque desde criança tive medo do mar. Mas tudo correu normalmente e resultou positivamente, agora o mar é o meu melhor amigo, e a fonte do meu sucesso (Fátima, 23 anos, vendedora no mercado de Benfica).

Nas palavras da Fátima percebe-se que o *ku pfula a xifuva* serve, tanto para abrir o peito da pessoa para conseguir dizer o que se passa na sua vida, assim como para espantar os espíritos que supostamente lhe criavam as dores da garganta quando esta tentava usar a voz para publicitar os seus produtos no início do negócio. Segundo Fátima, o facto de estar livre desses espíritos faz com que se sinta purificada.

No dia 16 de Setembro, pelas quatro horas, fiz-me ao mar, acompanhado pelo pastor Titos e outros 10 membros da igreja para presenciar um momento de *ku pfula a xifuva*, onde os visados eram a Gilda e o Júlio, quando chegamos no local, a pelo menos 100 metros da loja Game, em direção à praia de Miramar. Ainda do lado da terra, arrumamos os sapatos, relógios, telefones e algumas peças de roupa no tronco de uma casuarina que se encontrava na margem. Eu levei o meu telefone celular para gravar em áudio o momento que se seguiria.

De seguida entramos para a água, a aproximadamente 300 metros da margem. Paramos numa profundidade em que a água chegava até a altura do peito, o pastor Titos ordenou que entoássemos uma canção que dizia *hi nyike matimba Yehova*¹⁰. No mesmo instante, a senhora Isaura que é assistente do pastor Titos, mais três mulheres que traziam lenços verdes na cabeça, começaram a soltar gritos e a falar línguas espirituais. Desses gritos era possível ouvir palavras como *yes baba*¹¹, *pfuna tatana*¹² e *siya bonga*¹³.

Alguns minutos depois, duas das três senhoras seguraram nos ombros da Gilda e a terceira e dois homens pegaram nos ombros de Júlio. Enquanto estes os carregavam para cima e mergulhavam seus corpos várias vezes na água, o pastor Titos e sua assistente Isaura, impunham-lhes as mãos nas testas e diziam palavras como, *há mi tlantlisa a makhotswwni ya davulosi, hi vito ra Kreste*¹⁴.

Durante esse período, a Gilda e Júlio tremiam, gemiam e gritavam com muita força. Diziam palavras como *xikwembu xanga, tatana, ni huluxi, ni size*¹⁵ nesse momento invocavam o nome de Cristo e dos *swikwembu swa lwandle*¹⁶ como libertadores.

¹⁰*Hi nyike matimba Yehova, é uma expressão em ronga que significa dê-nos poder oh Deus.*

¹¹*Yes baba é uma mistura do inglês Yes e ronga baba, que expressa uma das formas de responder ou acompanhar o momento em que uns cantam e outros entram em transe falando línguas estranhas, pode traduzir-se por sim pai, ou sim Senhor Deus.*

¹²*Pfuna tatana, dito em ronga e significa ajude-nos Senhor.*

¹³*Siya bonga é uma expressão zulo, uma língua sul-africana que significa agradecido ou agradecemos.*

¹⁴*Há mi tlantlisa a makhotswwni ya davulosi, hi vito ra Kreste, uma frase dita em xangana, que significa vos libertamos dos trancos do diabo em nome de Cristo.*

¹⁵*xikwembu xanga, tatana, ni huluxi, ni size, esta frase dita em xangana traduz-se por meu Deus, meu pai, liberte-me, sé compassivo com migo.*

¹⁶*Swikwembu swa lwandle, expressão dita em xangana, que significa deuses do mar.*

Cerca de 45 minutos depois, enquanto isso acontecia, os cânticos e gritos, gemidos e orações terminaram, o pastor Titos pediu-me que proferisse uma última oração e, depois orientou-nos a sair da água, de volta à margem para recolher os nossos bens e retornar às casas. Assim terminava o culto de *ku pfula a xifuva*.

A partir deste exemplo, podemos perceber que para os participantes das celebrações da IPAZIAMO na praia, o exercício repetido de mergulhar a pessoa na água do mar, aliado aos pedidos de ajuda diante de Cristo e dos deuses do mar, são maneiras de libertar-se do azar e dos demónios que tomam conta das suas vidas e impede-lhes de se realizar na vida. É a este processo de libertação no mar, que considero ser uma maneira de purificação contra as impurezas contaminadas no dia-a-dia.

O batismo

O batismo é reservado às pessoas que decidem converter-se e serem membros da IPAZIAMO, com deveres e direitos dentro do grupo. Durante o período de recolha de dados, nenhum batismo havia sido marcado, contudo a partir duma conversa com o pastor Titos e seus dois assistentes tive acesso à informação sobre o acto, como mostra o exemplo da conversa a seguir,

Pastor Titos: O batismo é a maneira mais eficaz da transformação da alma duma pessoa, é um momento em que limpa-se todo o pecado e ganha-se uma família, a família cristã. Ocorre quase nos mesmos moldes como o de abrir o peito, a única diferença é que as vezes que mergulhamos o membro na água já não são tantas como no primeiro caso, aqui somos orientados pelo princípio bíblico de fazê-lo três vezes, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Pastor Titos, 22 de 09 de 2013, Matendene, 14 horas).

Neste exemplo, o pastor Titos explicava como é feito o batismo na IPAZIAMO, bem como a sua diferença com o culto *ku pfula a xifuva*, uma vez que ambos decorrem no interior do mar. Na IPAZIAMO, a cerimónia do batismo é feita duas vezes por ano.

O pastor Titos, Isaura e Xikotelani recorreram às referências bíblicas para explicar o porquê da praia para a realização do batismo, como mostram os exemplos que se seguem,

Pastor Titos: Amigo, Já na instituição da aliança Deus ordenou a Moisés que fizesse uma bacia de bronze no altar para abluções. Nela derramarás água...quando entrarem na tenda do encontro, lavar-se-ão as mãos e os pés para não morrerem...isto será para eles uma lei perene, para ele e sua descendência, de geração em geração.

Para sustentar o seu comentário, Pastor Titos citou a passagem bíblica em Êxodo 30:17-21, para referenciar as bases da fé de Israel. Segundo ele, nesse contexto a água dos poços, dos rios e do mar sempre tiveram um papel purificador indispensável, como vem no exemplo proferido por Isaura,

Isaura: João Baptista, no Novo Testamento, realizava o batismo de purificação pós-arrependimento no rio Jordão (Isaura, 53 anos, viúva e primeira assistente do pastor Titos).

A partir do exemplo da Isaura, que vai de acordo com as explicações do pastor Titos e Xikotelani, reforça-se a ideia de que tanto o mar, como os rios e lagos funcionam como espaços de purificação. Mas, a localização das praias de Costa do Sol e de miramar na cidade de Maputo, é mais próxima à sua sede, o que leva-os a dirigirem-se para la, sem tirar a importância das outras fontes de purificação. Como mostro na intervenção a seguir,

Xikotelani: Arrependei-vos, o reino de Deus aproxima-se...então Jerusalém, toda a Judeia, e toda a região do Jordão iam ter com ele no rio, arrependiam-se e faziam-se baptizar (Xikotelani, 37 anos, segundo assistente do pastor Titos).

A passagem usada por Xikotelani foi retirada no Novo Testamento, em Mateus 3:1-6, para explicar a importância do batismo na transformação do Homem arrependido. A partir dos exemplos e das citações bíblicas referenciadas por pastor Titos e seus assistentes, considere o

carácter renovador do baptismo, uma forma de purificação. Se através do baptismo o homem arrependido é limpo, as almas são transformadas e, o papel jogado pela água do mar no processo de limpeza, é possível olhar para a purificação repetida nas passagens bíblicas como igual à purificação descrita ao longo desta secção, apesar de ser efectuada em forma diferentes.

Os dados analisados nesta a secção, mostram que para os participantes das celebrações religiosas, ter um momento a só no mar, para desabafar diante de Deus, passar pelo mergulho que abre o peito e, subscrever-se ao baptismo de transformação, pela imersão na praia, são percebidas como maneiras de purificação contra os infortúnios do quotidiano social dos indivíduos. Enquanto para os praticantes de exercícios físicos, é a caminhada, a corrida, a meditação e o jogo de voleibol que constituem o meio de purificação.

Esta conclusão permite, em concordância com Granjo (2000), compreender que a característica que cada processo e momento de purificação possui, tem uma eficácia restauradora dependente em grande medida, do entrosamento e da coerência lógica que os praticantes constroem em relação ao problema que pretendem resolver.

Andrade (1969) citado por Brum (2000), apresenta um estudo que fala da yoga como uma prática desportiva que aproxima os cuidados do corpo e da alma ao banho nas águas do mar, vistos como meios de purificação e tratamento auxiliar em várias situações como exercícios respiratórios e técnicas relaxantes. Essa aproximação busca harmonizar e limpar a mente e o corpo, de modo a restaurar a sua normalidade.

Do ponto de vista religioso, as celebrações de carácter purificador podem ser compreendidas como mecanismos de diálogo e negociação entre o homem, o mundo espiritual e o meio natural marítimo, com vista ao bem-estar individual e social. Cabral (2005), defende que na cultura moçambicana a saúde e o bem-estar normalizados, são um processo de vida definidos por relações harmoniosas entre o ser humano e o meio ambiente, o ser humano e os espíritos invisíveis, e entre os espíritos invisíveis com o meio ambiente.

Se por um lado estes estudos complementam a ideia da existência da diversidade na maneira como é concebida e efectuada a purificação, por outro lado, a ausência neles, da sequência que mostre a natureza da impureza que se busca purificar e, do objectivo por se alcançar com a submissão à purificação, os torna mais próximos aos estudos que ficam no que é dito e feito na praia, sem olhar para o ambiente social além do mar e, os diferenciam da proposta do presente estudo.

Os dados apresentados nesta secção permitem perceber que apesar da existência de vários locais passíveis de práticas desportivas e celebrações religiosas na cidade de Maputo, para os participantes do estudo, o mar surge como o espaço eleito para a purificação contra as impurezas contaminadas no quotidiano, que geram infortúnios na vida das pessoas. Na próxima secção apresento e discuto a maneira como os participantes do estudo manifestam o sentimento de retorno a normalidade, após passarem pela purificação no mar.

5.4. Exercícios físicos e celebrações religiosas para o retorno à pureza

Nesta secção apresento e discuto a maneira como os participantes do estudo expressam sentimento de retorno a normalidades, após passarem pela purificação no mar. O retorno à normalidade será descrito primeiro na concepção dos praticantes de exercícios físico e segundo, na compreensão dos participantes das celebrações religiosas.

Quanto aos praticantes dos exercícios físicos, a análise dos dados permite compreender que o facto de a praia ser-lhes um lugar puro, ao caminhar, correr, meditar e jogar o voleibol na praia, ficam purificados e, em decorrência disso, as doenças passam, a família que estava ameaçada pela má sorte volta a ficar boa e os negócios ganham um bom ritmo, como mostra o exemplo da Laura a seguir,

Por ter corrido e meditado aqui na praia tudo voltou ao normal, por isso que levei a areia e a água para proteger também a minha casa, porque o mar é naturalmente puro, enquanto ainda tiver aquela água e areia em casa, sei que eu e os meus filhos estamos protegido dos maus olhares (Laura, 37 anos, solteira e mãe de dois filhos).

Laura foi a praia para se purificar, mas além de purificar a ela própria, levou água e areia para purificar os seus filhos lá em casa. Para a Laura o efeito da purificação manifesta-se no facto de se sentirem, ela e os filhos, protegidos dos maus olhares. Ainda segundo a Laura, essa proteção acontece pelo facto de a água e a areia serem do mar, mais do que pela sua natureza, porque segundo ela, na sua casa existe água e areia, mas não servem para a purificação.

Quando venho correr na praia, o alívio repõe-se tanto física, como espiritualmente, fico com corpo leve, com a alma pura e pronto para encarar cada dia sem problemas como acontece agora, porque a praia é pura e depositei todo o mal lá mesmo (Artur, 27 anos, solteiro e atleta profissional).

O exemplo de Artur permite compreender que este se sente numa fase de tranquilidade física e espiritual depois de purificar-se na praia. Segundo ele, os problemas que lhe castigavam foram todos depositados no mar. É a tranquilidade como a que Artur diz atravessar, que nos permitem sentir que a normalidade lhe foi reposta por se ter purificado no mar. O retorno à normalidade também é medido pela cura de doenças e retorno aos negócios, como podemos ver no exemplo de Nunes,

Na praia todo o lixo é purificado, as dores de cabeça passaram, mesmo a prisão dos músculos já não atrapalha muito, retomei os meus negócios (Nunes, 29 anos, solteiro, vendedor informal).

O lixo a que Nunes se refere é a doença de perturbações mentais e prisão muscular que segundo ele, lhe assustavam e criavam dores tal, que impediam de qualquer actividade de rendimento pessoal. Nunes acredita que embora siga orientações médicas, a sua frequência ao mar é que serve de cura e liberta-o das doenças que chama por lixo.

Outra maneira de expressar a satisfação por se ter purificado no mar foi proferida por Fausto a Luís numa das partidas de Volei, como podemos ver no exemplo seguinte,

Eu disse para jogar tranquilo e desligar-se do mundo que da praia nenhum azar resiste e a vida ia melhorar. Aí pessoal, Luís começou a trabalhar ontem e no novo emprego ganha mais que eu cara (Fausto, 45 anos, brasileiro, casado e líder da turminha de volei).

Fausto disse essas palavras a Luís, na situação em que acabava de falar da importância deste se fazer ao mar para jogar voleibol, como forma de superar a crise emocional causada pela perda do emprego. Para Fausto, a sorte de voltar a ter emprego explicava-se pelas frequências de Luís aos jogos de voleibol na praia, onde distraía-se, purificava a alma, o que contribuiu para aquele, tivesse força para procurar um novo emprego.

Quanto aos participantes de celebrações religiosas pela IPAZIAMO, os dados permitem perceber que aqueles, consideram que por terem ido ao mar para purificar-se, os espíritos maus desaparecem, os negócios e os relacionamentos tornam-se bem-sucedidos e o emprego aparece para quem não tinha. O primeiro exemplo é da Fatima, como podemos ver a seguir,

Tudo resultou positivamente, Deus revelou-se na minha vida, agora o mar é o meu melhor amigo, e a fonte do meu sucesso neste negócio, nem a voz, nem o dinheiro, nada me faz falta (Fátima, 23 anos, vendedora no mercado de Benfica).

O sucesso a que Fátima se referia era de ter conseguido abrir o seu negócio de verduras e frutas. Segundo a Fátima, ela era bem-sucedida porque Deus tinha-se revelado em sua vida, aquando da sua participação no acto de purificação no mar. Assim a Fátima percebe a revelação de Deus como uma abertura à nova vida, livre das impurezas que lhe dificultavam o sucesso, graças a passagem pelo *ku pfula a xifuva* no mar.

Outro exemplo é o da Gilda que, duas semanas depois de se fazer purificar no mar, se encontrava no mercado de Matendene, sorridente e a conversar com duas das suas conhecidas. Perguntei onde estava a Gilda tímida e isolada que conheci, pelo que me respondeu,

Ah irmão, Jesus toma conta, tu mesmo viste quanto trabalho houve, do mar nada de mal escapa, lembras que antes de criar o mundo o espírito de Deus pairava sobre o mar? Então, foi lá onde espantamos a minha timidez, causadas por ciúmes do meu falecido marido, agora já tenho outros candidatos, mesmo a filha da dona Amélia, está se acertando com o noivo (Gilda, 23 anos, viúva, vendedora informal).

Este exemplo permite compreender que a Gilda considerava que a sua passagem pelo momento do *ku pfula a xifuva*, libertou-lhe da timidez que a dificultava de estar perto das outras pessoas, assim como espantou o espírito do seu falecido marido e abriu espaço para novos relacionamentos.

Ainda de acordo com a Gilda e para reforçar a ideia de que a purificação constitui uma limpeza efectiva do azar, ela contou-me a situação em que se encontrava o relacionamento no lar da filha da Amélia, a qual depois de ter muitas dificuldades de se firmar no lar, o marido tinha decidido pedir a sua mão em casamento junto à família daquela jovem.

Ainda sobre o retorno à pureza, alguns dias depois de ter participado do *Ku pfula a xifuva*, depois do culto na sede de IPAZIAMO em Matendene, Júlio disse-me,

O mar, meu irmão tem uma terapia divina eficaz, tentamos muitas vezes fazer isso aqui mesmo na igreja mas não resultava, eu mal conseguia explicar aos bradas da *Jus*¹⁷ o tipo de *job*¹⁸ que eu queria, mas depois da sessão da segunda tudo mudou, na terça-feira vou avançar com o trabalho garantido (Júlio, 29 anos, solteiro, desempregado).

Para Júlio, o facto de partir para a África do sul com o emprego garantido, o que não acontecia antes de ter participado no culto de *ku pfula a xifuva* indica que a purificação correu bem. Para

¹⁷ Jus é uma corruptela usada em forma de calão para caracterizar África do sul.

¹⁸ Jus é uma corruptela usada em forma de calão, que significa trabalho.

aquele, a purificação correu bem sobretudo por ter sido no mar, pois segundo ele, sempre que oravam na igreja nada mudava.

De uma forma geral, os permitem perceber que embora o tipo de impureza e a qualidade do infortúnos seja diferente, os indivíduos e grupos de indivíduos que participaram do estudo têm uma percepção comum de que os infortúnios obstroem ou interrompem o decurso normal das suas rotinas. Diante dessa situação, os participantes do estudo partilham do pressuposto comum segundo o qual, a praia funciona como um espaço de purificação das impurezas que geram tais infortúnios.

A purificação na praia, seja por via do desporto ou da Igreja, é percebida pelos participantes do estudo como reposição da pureza do corpo e da alma, abre espaço para a pureza e possibilita aos participantes da pesquisa resolverem os problemas que tinham antes de se purificarem na praia.

Existe uma semelhança entre esta conclusão com os estudos de Earle (S/d) e Santana (2004) na utilização da água para a purificação. Earle (S/d) analisa práticas culturais religiosas budista e shintoísta entre os japoneses, onde a purificação é tida como fundamental e antecedente a qualquer culto comunitário e, a água é o elemento fundamental desses ritos.

Como exemplo, Earle, (S/d) fala do shintoísmo, onde os Kami não suportam a impureza, antes e depois de todo o culto, os participantes, os seus objectos e as suas oferendas são purificados pela água, pois, foi na água do mar onde o deus Izanagi se banhou para se purificar das imundícies contraídas no inferno donde acabava de fugir.

Na descrição das preces da religião Umbanda, Santana (2004) mostra que os umbandistas têm o mar como santuário e a praia representa o altar, sendo *Iemanjá* a sua deusa. Este autor defende que quando os participantes da umbanda voltam do mar, agradecem a mãe protectora os purificou e levou para as profundezas mar sagrado todas as suas desventuras e infortúnios (Santana, 2004).

Se por um lado as abordagens de Earle e Santana complementam a ideia da pureza do mar e da existência de poderes actuantes na purificação, por outro lado, eles diferem-se deste estudo porque apenas ficam na análise sobre o momento de purificação e deixam de fora a explicação sobre como os participantes desses estudos expressão o estado das suas vidas depois de se livrarem das desventuras e dos infortúnios que são levados pelo mar para as suas profundezas, lacuna essa, que os dados da presente secção colmataram.

6. Considerações finais

No presente estudo analisei o espaço social do mar na vida de alguns frequentadores das praias de Costa do Sol e de Miramar, na cidade de Maputo. Nos estudos existentes a praia é apresentada sob duas linhas de abordagem, uma que olha para o que as pessoas fazem no mar (Muiño, 2012; Oliveira 2008; Sousa, 2002), e outra que olha para o mar um espaço de estratificação social a partir de meios materiais (Balandier, 1997; Haraway, 1992; Marco Costa, 2012; Peralta 2003).

A primeira abordagem descreve as acções e reproduz os discursos dos indivíduos na praia sem a devida abstracção tórica. A segunda abordagem olha para os bens materiais ostentados pelos indivíduos ou grupos de indivíduos na praia como um mecanismo de distinção entre poderosos e fracos economicamente.

Os referidos estudos permitem compreender as diferentes manifestações comportamentais e destacam o papel dos bens materiais no processo de interação dos usuários das praias mas, deixam de fora a dimensão simbólica e desvinculam a análise sobre o que se faz e o que se pensa na praia, das explicações em torno dos acontecimentos vivenciados pelos indivíduos no seu dia-a-dia fora da praia.

Com base em um estudo etnográfico realizado entre alguns frequentadores do mar na cidade de Maputo, onde compreendi que os participantes do estudo encaram o seu dia-a-dia como um espaço de potencial contágio pelas impurezas que podem gerar infortúnios de várias ordens, capazes de interferir directa e negativamente em suas vidas. Assim, os participantes do estudo encaram situações de desemprego, doenças, insucesso escolar, dos negócios ou de relacionamentos amorosos como infortúnios que resultam da situação de impureza.

Diante desses infortúnios e uma vez detectada a causa, os indivíduos buscam libertar-se, que designo por purificação. A purificação é feita por meio de exercícios físicos como a caminhada, a corrida, a meditação e o jogo de voleibol, e por meio de celebrações religiosas, como o momento de isolamento no mar para *ku hlambuluka*, passar pelo mergulho do *ku pfula a xifuva* e o baptismo de transformação espiritual.

Para os participantes do estudo, uma vez purificados, aqueles que haviam perdido empregos voltam a trabalhar, os que achavam que o insucesso escolar, nos negócios ou nos relacionamentos amorosos eram resultado de estarem contaminados, notam melhorias e, os que estavam doentes acreditam estarem curados.

Como resultado da análise de dados, concluí que a praia funciona como um espaço de purificação, tanto os praticantes de exercícios físicos, como os participantes de celebrações religiosas, o que permite considerar que ambos os grupos partilham dessa mesma lógica, apesar de ser explicada a partir de redes semânticas diferentes.

Os resultados do estudo mostram que diferentemente da abordagem que se restringem ao que é dito e feito de imediato pelas pessoas nas praias (Muiño, 2012; Oliveira 2008; Sousa, 2002), entre os participantes do estudo existe uma lógica que faz do mar um espaço de purificação. Essa lógica é passível de compreensão por meio da análise dos processos sociais, concebidos como construções simbólicas, para além da dimensão material imediatamente presente na praia, à qual as abordagens dominantes se restringem (Balandier, 1997; Haraway, 1992; Marco Costa, 2012; Peralta 2003).

Uma vez ser este, um estudo de carácter exploratório, típico de um projecto de pesquisa, abre possibilidades de aprofundar mais sobre a noção de purificação em diferentes contextos, de modo a perceber outras abordagens sobre a busca pela liberdade diante do contágio que gera infortúnios, assim como analisá-las dentro do debate sobre o espaço social do mar na vida dos seus utentes.

Referências

ALVA, Hector, Romero, et all, (2009). *Teoria Sociológica: Interaccionismo Simbólico*. Madrid. Edições 70.

BALANDIER, Georges, (1997). *O Contorno: Poder e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand editora.

BATISTA, Rosa, (1998). *A Rotina no dia-a-dia da Creche: entre o proposto e o vivido*, SC. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BRUM, Jane Lilian Ribeiro, et all, (2000). *O Cuidado Humano: Acção de Purificação*, Porto Alegre, EMW editores.

CABRAL, I., (2005). *Digerir o Passado: Mecanismos sócio-culturais da reintegração social e familiar de crianças-soldado no sul de Moçambique*, Dissertação de licenciatura em Antropologia, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.

CASAL, Adolfo Y., (1996). *Para uma Epistemologia do Discurso e da Prática Antropológica*, Lisboa, Edições Cosmos.

COCKELL, Fernanda Flávia; Peticarrari, Daniel (2008), *Retratos da Informalidade: a fragilidade dos sistemas de proteção social em momentos de infortúnio*, dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, Brasil.

COX, James L., (1998). *Rites of Passage in Contemporary África: Interaction between Christian and African Traditional Religions*. Cardiff Academic press. Pp.x-10.

DA MATTA, R., (1977). “*Carnavais, paradas e procissões*. In: *Ensaio de Antropologia Estrutural*”, Religião e Sociedade, São Paulo, Editora Vozes Ltda.

Houaiss, (2000). *Dicionário Electrónico da Língua Portuguesa*, Lisboa.

DOUGLAS, Mary, (1991). *Pureza e perigo*, RJ, Edições 70 LDA.

DURKHEIM, Emile e Rodrigues, J. A. (Org.), (1981). *O Facto Social*, in: *Sociologia*, 2ª edição, São Paulo, Editora Ática.

FERREIRA, Aurélio B. H., (2004). *Novo Dicionário Electrónico Aurélio, Versão 5.0*, Regis Ltda.

FERREIRA, J. M., et all, (1995). *Sociologia*, Portugal, Editora McGraw-Hill.

FICHTER, Joseph H., (1973). *Sociologia*, São Paulo Editora EPU.

HARAWAY, Donna, (1990). *Primate Visions: Gender, Race and Nature in the World of Western Science*, London, editor Verso, pp.1-10.

JUNOD, H., (1974). *Usos e Costumes dos Bantu: Caracteres do intelecto bantu*, pp.137-147.

KRISTEVA, Julia, (1995). *Sens e non-sens de la revolte: pouvoirs et limites de la Psychanalyse*, Paris, Editora Fayard.

MACHADO, Helena Cristina F., (2000). “A *Construção Social da Praia: in Sociedade e Cultura*”, Vol.13, Série Sociologia, Cadernos Noroeste, pp.201-218.

MALINOWSKI, B., (1997). *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, Ethnologia, Pp.17-37.

MINAYO, M., Sanchez, O., (1993). “*Quantitativo, qualitativo: oposição ou complementaridade*”, Cadernos de Saúde Pública.

MUIÑO, Luís, Olivã, M., e Costa, M., (2012). “*Personalidades à Beira do Mar (Etnografias)*”, in: Revista Super 160, pp.1-15.

OLIVEIRA, C. I. & Pires, A. C., (2008). *A Psicologia Intelectualista Grega: Um Paradigma Antropológico na História da Psicologia*, Brasil, Edições Paulinas.

PEIRANO, Mariza G., (1992). *A Favor da Etnografia*, Brasília, Série Antropologia.

PEIRANO, Mariza G., (2000). *Análise Antropológica dos Rituais*, Brasília, Série Antropologia.

PEREGRINO, Ferreira, Luís, Alberto, (2008). “*O Conceito de Contágio de Girolamo Fracastoro nas Teses sobre Sífilis e Tuberculose*”, in: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/9146>.

PROENÇA, Maria Alice de Rezende, (2004), “*A Rotina como Âncora do Quotidiano na Educação Infantil*”, *Revista Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, Pp.13-15.

RIVIÈRE, Claude, (1990). *Introdução à Antropologia*, Lisboa, Edição 70, pp.13-14.

SAHLINS, Marshall, (2003). *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. Pp.231.

TURNER, Victor, (1974). *Dramas, Fields and Metaphors: symbolic action in human society*, Ithaca, Cornell University press, pp. 1-46.

VAN GENNEP, A., (1977). *Os Ritos de passagem*, Petrópolis, Vozes Editora.